

## DE DIDO À MATRONA DE ÉFESO

Amós Coêlho da Silva (UERJ)  
[amoscoelho@uol.com.br](mailto:amoscoelho@uol.com.br)

Públio Vergílio Marão (70 – 19 a. C.) nos legou três obras: *Bucólicas* (também denominada *Éclogas* ou *Églogas*), *Geórgicas* e *Eneida*. A *Eneida* é um poema épico e relata a fundação de Roma. Eneias, portanto, o patriarca, precisará se casar, porque perdeu sua esposa Creúsa em Troia. Encontra todas as adversidades (ou provas míticas), preparadas pela deusa Juno, no seu caminho de Troia para Itália e todo amparo de sua mãe Vênus.

Vênus escondera Ascânio ou Iulo, filho de Enéias, em lugar seguro. Pediu ao seu filho Cupido que assumisse a forma de Ascânio e *interdum gremio fovet, inscia Dido /Insidat quantus miserae deus!, durante algum tempo aperta-o no regaço, não sabe Dido / (que tem um deus em (seu) colo, como há de ser infeliz!* (I, 719 -20) A expressão “gremio miserae, (literalmente) no colo da infeliz” se deve à antropomorfização e ao poder de Cupido. Por exemplo, possui na sua aljava tanto a flecha do amor quanto a flecha do ódio. Por isso, pôde medir forças com o poderoso Apolo, que tem como um dos atributos arco e flecha e riu da pequena arma do filho de Vênus, porque julgou ser um brincado, coisa de criança. Ardilosamente, Cupido feriu a ninfa Dafne, mas instilando-lhe repulsa por Apolo, e neste, inoculou com a do amor. A pedido, para livrar-se de Apolo, foi transformada na árvore loureiro, que é o próprio termo ‘dafne’ em grego, a árvore predileta de Apolo. Nos jogos dedicados a Apolo, o herói, vencedor de provas, recebia uma coroa de louros; daí, o sentido de glória...

Eros ou Cupido é a personificação do amor. A sua função divina se traduz pela “complexio oppositorum”, a união dos opostos; é uma pulsão fundamental do ser, a *libido*, que garante a existência pela união e supera antagonismos. Os poetas cantam este amor há muito. Assim, nos versos (741-4), do poema em sua peça trágica *Joanes Princeps* do humanista Diogo de Teive (m. 1565):

*Hunc (furorem sentiunt) ferae densis nemorum latebris;  
hunc aper saeuus, leo, taurus, ursus;*

*hunc greges mites, simul et furore  
concita turba.*

Este (furore sentem), as feras nos densos esconderijos do bosque;  
Este, o selvagem javali, o leão, o touro, o urso;  
Este, os mansos rebanhos, e ao mesmo tempo, pelo furor,  
Uma turba excitada (de viventes).

Chico Buarque compôs “O que será”:

O que será, que será?  
Que andam suspirando pelas alcovas  
Que andam sussurrando em versos e trovas  
Que andam combinando no breu das tocas  
Que anda nas cabeças anda nas bocas  
Que andam acendendo velas nos becós  
Que estão falando alto pelos botecos  
E gritam nos mercados que com certeza  
Está na natureza  
Será, que será?  
O que não tem certeza nem nunca terá  
O que não tem conserto nem nunca terá  
O que não tem tamanho...

O que será, que será?  
(...)

Luís Vaz de Camões também já escreveu num belo soneto:

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer!

Olavo Bilac também falou de amor na expulsão de Adão e Eva do paraíso:

Ah! bendito o momento em que me revelaste  
O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime!  
Porque, livre de Deus, redimido e sublime,  
Homem fico, na terra, à luz dos olhos teus,  
– Terra, melhor que o céu! homem, maior que Deus!

Ao hóspede Eneias solicitou a rainha de Cartago que relatasse todas as proezas heroicas, enquanto a imagem de Siqueu, o marido querido, ia se desvanecendo ao longo daquela noite de banquete.

O irmão de Siqueu usurpara o reinado do esposo de Dido; era cruel e avaro. Além de matá-lo, se apossou dos haveres dele. Esta, advertida em sonho pelo marido, reuniu suas coisas e as pessoas des-

contentes com o seu irmão e fundou Cartago. Como nestas sociedades arcaicas a mulher não pode ficar solteira, Jarbas na África pede-lhe a mão em casamento, mas não consegue porque ela se une a Eneias após este conselho de sua irmã Ana (IV, 31- 34):

*(...) Ó luce magis dilecta sorori,  
Solane perpetua maerens carpere iuuenta,  
Nec dulces natos, Veneris nec praemia noris?  
Id cinerem aut Manes credis curare sepultos?*

(...) Ó dileta para a (tua) querida mais do que a luz,  
Acaso, te consumirás só, gemendo durante (a força ) de (tua) juventude,  
Nem doces filhos, nem as dádivas de Vênus?  
Crês tu que a cinza ou os manes sepultados (de Siqueu) se importam com isto?

Era o que bastava para *Dido* ou *Elissa*. E as deusas Vênus e Juno encomendaram uma chuva de granizo que surpreendeu o casal em desamparo. Eles, porém, encontraram abrigo numa gruta: *Speluncam Dido dux et Troianus eandem / Deveniunt. Dido e o chefe troiano chegam à mesma gruta* (165 - 6). *Ille dies primus leti primisque malorum / Causa fuit, Aquele dia foi, por primeiro, causa da morte e, por primeiro, causa dos males* (IV, 169 - 170)

A caverna (ou a gruta, os antros etc.) é o arquétipo do útero materno e se apresenta nos mitos de origem e de iniciação (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1982: CAVERNA)

Contudo, Eneias não pretende aliar-se a Dido, ele decidiu obedecer às ordens de Júpiter que era garantir “genus Latinum (...) atque altae moenia Romae, a geração latina (...) e as muralhas da poderosa Roma” (I, 6 - 7). Prepara Eneias uma saída secreta de Cartago. Dido descobre, censura-lhe a traição e resolve se suicidar.

A morte de Dido (Livro IV, 651-671)

**651** *‘Dulces exuviae, dum fata deusque sinebant,  
accipite hanc animam, meque his exsolvite curis.  
Vixi, et, quem dederat cursum fortuna, peregi,  
et nunc magna mei sub terras ibit imago.*

**655** *Urbem praeclaram statui; mea moenia vidi;  
ulta virum, poenas inimico a fratre recepi;  
felix, heu nimium felix, si litora tantum  
numquam Dardaniae tetigissent nostra carinae!’*

*Dixit, et, os impressa toro, ‘Moriemur inultae,  
660 sed moriamur’ ait. ‘Sic, sic iuvat ire sub umbras:*

*Hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto  
Dardanus, et nostrae secum ferat omina mortis.'*  
*Dixerat; atque illam media inter talia ferro  
conlapsam aspiciunt comites, enseque cruore  
665 spumantem, sparsasque manus. It clamor ad alta  
atria; concussam bacchatur Fama per urbem.  
Lamentis gemituque et femineo ululatu  
tectae fremunt; resonat magnis plangoribus aether,  
non aliter, quam si immissis ruat hostibus omnis  
670 Karthago aut antiqua Tyros, flammaeque furentes  
culmina perque hominum volvantur perque deorum.*

*Tradução:*

Doces despojos, enquanto o permitiriam os destinos e os deuses,  
Recebei esta alma e libertai-me destes cuidados.  
Vivi e cumpri a missão que a fortuna me tinha dado,  
E agora minha grande imagem (pelo feito realizado) irá para debaixo das  
terras.

**655** Fundei uma cidade ilustre; vi as minhas muralhas (prontas);  
Vinguei (meu) esposo, castiguei um irmão inimigo.  
Feliz, se nunca os navios troianos tivessem tocado os nossos litorais.”

**660** Disse (estas palavras) e, colando sua boca à almofada:  
“Morreremos sem vingança, mas morramos, diz. Assim, assim me agra-  
da ir para as sombras.

O cruel Dárdano do alto mar detenha com os olhos esta chama  
E leve consigo os agouros da minha morte.”

**663** Disse(a) (estas palavras), e as damas veem-na caída sobre o ferro,  
Espumando sangue no meio de tais palavras,

**665** E as mãos manchadas. Um clamor eleva-se  
Para os altos átrios, a Fama enfurece-se pela cidade alarmada.  
As casas estremeçam com lamentações,  
Choro e gemido de mulheres;

O ar ressoa com grandes clamores dolentes,  
Não de outro modo que se

**670** Toda a Cartago ou a antiga Tiro ruísse,  
Introduzidos os inimigos, e as chamas enfurecidas  
Reviram-se pelas moradas dos homens e pelos templos dos deuses.

Para o traidor, o silêncio, quando Eneias, na realização de sua prova heroica máxima: a catábase, a encontrou mais tarde no Campo das Lágrimas. Ele relatou a ela que suspeitava que ela tivesse se matado. Chorou e lamento-se. Ela não respondeu. Ela usou a espada que tinha sido dada por ele como presente na noite do banquete.

Petrônio (morreu 65 d. C.) foi admitido no fechado círculo do imperador Nero para opinar sobre as coisas elegantes. Logo a inveja de Tigelino, prefeito dos pretorianos, promoveu a morte de Petrônio.

Sua obra única é o *Satyricon*, com um ‘y’ parodiando a letra grega no termo ‘sátyro’. Ou seja, como é uma sátira menipeia e “sátira” é um étimo latino, cujo alfabeto não tem o “y”, o título com “y” para exprimir o caráter sensual dos sátiros, entidades da mitologia grega que se caracteriza pelo comportamento sensual. É a sensualidade de que se revestem os episódios narrados.

A novela da matrona de Éfeso exprime o sutil pessimismo peironiano tão bem definido a respeito das fraquezas da carne e tornou-se um clássico da literatura latina.

Este capítulo 111 começa apresentando a senhora de Éfeso como um baluarte de castidade, *Matrona quaedam Ephesi tam notae erat pudicitiae, ut vicinarum quoque gentium feminas ad spectaculum sui evocaret, uma mulher casada tão reconhecida pela sua virtude que atraía até as mulheres dos países vizinhos para vê-la.* (111)

O termo “matrona”, mulher casada, faz parte de uma constelação semântica indicativa do papel social da mulher em Roma antiga. É um derivado de *mater*, *mãe* que, além de sua função de maternidade, pouca atividade social exercia. Já “pater”, através de suas cognatas: *patrimonium*, *patria*, *patrocinium* (e o verbo) *patro* – *executar*, *realizar etc.* exprime o rico papel do homem na sociedade.

Ela acompanhou e velou o esposo morto, como ainda é costume nos nossos dias. Mas o seu velório ultrapassou as expectativas, pois a fidelíssima viúva lamentava-se e preparava-se para morrer de fome, sem que parentes próximos pudessem demover da sua decisão e consolá-la daquela aflição. Dada a determinação inflexível daquele modelo exemplar de fidelidade, todos já a davam como morta e, na cidade, não se falava de outra coisa. Uma criada fiel pôs-se ao lado daquele exemplo único de amor conjugal. No entanto, como um soldado percebesse luz e gemidos em meio aos túmulos, enquanto montava sua guarda da crucificação de três ladrões por ordem do governador, aproximou-se. Petronio ressalta os contrastes tétricos do cemitério, os quais deveriam ter despertado sentimento de medo do sobrenatural no soldado; mas, ao contrário, para o homem o que houve foi o estímulo de uma visão admirável de uma mulher tão bela naquele lugar e compaixão pelo desgrenhado da desesperada com o rosto ferido pelas unhas. Ofereceu-lhe sua pobre refeição e admoestou-lhe de tudo que todos já haviam recomendado na mesma situa-

ção: assim será o fim de cada um de nós, não devemos nos mortificar inutilmente etc.

Dada a persistência paciente dele em oferecer bebida e comida, a criada atentou para o generoso cheiro do vinho, aceitou a gentileza e, pela primeira vez, exortou a sua ama que compartilhasse da ceia. Como o soldado se encolhesse, continuou a criada convencendo a sua senhora contra a sua obstinação de viúva numa expressão que é bem uma paródia de uma passagem na *Eneida*, de Vergílio. Agora também serviu de argumento, como naquele momento de Ana, irmã de Dido (*Eneida* IV, 34): *Id cinerem aut manes sentire sepultos? A-credits que as cinzas ou os manes sepultados percebem teu sacrificio?*

Imediatamente, a senhora, esgotada pelo jejum de muitos dias, abandonou a sua obstinação, a qual tinha repellido até as importantes e graves orientações dos magistrados. Enfim, comeu e bebeu com a mesma avidez da criada.

No capítulo 112, relata-se que o soldado entusiasmado com seu sucesso, passou a assediá-la a virtude da senhora com a mesma argumentação que a demovera daquele jejum. A criada incumbiu-se de abrir-lhe o coração, alegando-lhe o desperdício da juventude dela em tão triste local. *Ne hanc quidem partem [corporis] mulier abstinuit, victorque miles utrumque persuasit. Certamente a mulher não recusou os apelos do corpo, e o soldado vencedor a persuadiu duplamente.*

### **Conclusão**

Públio Ovídio Nasão, ou simplesmente Ovídio, escreveu *Heroides*, são monólogos de amor. Monólogos, porque as heroínas apaixonadas (uma personagem histórica: Safo, a carta de número 15) escreve aos seus amados, que nunca lerão tais mensagens, a não ser três cartas respondidas: a de Paris, 16; a de Leandro, 18 e a de Acôncio, 20, que alguns as julgam espúrias (HARVEY, 1987, p. 271). Há um poema que é uma carta de *Dido Aeneae, Dido para Eneias*. Termina com um epitáfio, que um pentâmetro elegíaco: *Praebuit Aeneas et causam morti et ense; / Ipsa sua Dido concidit usa manu*. Eneias

ofereceu o motivo de sua morte e a espada; Dido com sua própria mão a usou e se cortou.

O Prof. Walter Vergna chamou a esta ação de "apoteose do amor (que) com a morte da amante, morte que escreve em letras de sangue no firmamento da Mitologia a condenação do amado" (p. 77)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Helena, o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1991.

HUMBERT, J. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine: Précis Methodique* Paris: Didier, 1932.

PETRONIUS, SENECA. *Apocolocyntosis*. With an English translation by Michael Heseltine & W.H.D.\_Rouse. Cambridge: Harvard University, 1975.

SILVA, Márcia Regina de Faria. *O trágico nas 'Heroides' de Ovídio*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras – UFRJ, Rio de Janeiro: 2008.

VIRGILE. *L'Énéide*. Nouvelle edition, revue et augmentée avec introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat. Paris: Garnier Frères, s/d.

VERGNA. Walter. *Heroides: A concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.